

VI KEELAND

DISPUTA
IRRESISTÍVEL

Tradução
Débora Isidoro

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Vi Keeland, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Todos os direitos reservados.
Título original: *We Shouldn't*

Preparação: Barbara Parente
Revisão: Valquíria Della Pozza e Laura Folgueira
Diagramação: Futura
Capa: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil
Imagens de capa: D-Keine/Getty Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Keeland, Vi
Disputa irresistível / Vi Keeland; tradução de Débora Isidoro. – São Paulo:
Planeta do Brasil, 2020.
304 p.

ISBN: 978-85-422-1913-5
Título original: *We shouldn't*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Isidoro, Débora

20-1388

CDD 813.6

2020
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1

Bennet

— Que diabo ela está fazendo?

Quando o farol abriu, continuei correndo no mesmo lugar, em vez de atravessar. A cena do outro lado da rua era interessante demais para interromper. Meu carro estava parado na frente do escritório, e uma loira de cabelos cacheados e pernas lindas se debruçava sobre o para-brisa. Pelo jeito, o cabelo dela estava preso no limpador.

Por quê? Eu não fazia a menor ideia. Mas ela parecia bem brava, e a imagem era cômica, por isso continuei longe, curioso para ver como aquilo ia acabar.

Era um típico dia de vento na Bay Area, e uma rajada mais forte soprou de repente, fazendo seus longos cabelos voarem por todos os lados em meio à luta com meu carro. Isso a deixou ainda mais furiosa. Frustrada, ela puxou o próprio cabelo, mas a mecha presa no limpador de para-brisa era grande demais e não se soltava. Em vez de tentar tirá-la com delicadeza, ela puxou mais forte, e desta vez ergueu o corpo para puxar a mecha com as duas mãos.

Funcionou. O cabelo se soltou. Infelizmente, meu limpador de para-brisa continuava enroscado nele, pendurado. Ela resmungou o que eu desconfiava que fosse uma sequência de palavrões e depois tentou, sem sucesso, remover a mecha emaranhada. As pessoas que atravessaram a rua quando eu também devia ter ido agora começavam a se aproximar de onde ela estava, e de repente a loira pareceu se dar conta de que alguém podia notá-la.

Em vez de ficar bravo com a maluca que tinha danificado meu Audi comprado há uma semana, não consegui segurar a risada quando ela olhou em volta, abriu a capa de chuva e escondeu o limpador de para-brisa lá dentro. Depois ajustou o cabelo, afivelou o cinto e virou para ir embora como se nada houvesse acontecido.

Pensei que o show tivesse acabado, mas, aparentemente, ela pensou melhor no que havia feito. Era o que parecia. A mulher virou e voltou para perto do meu carro. Enfiou a mão no bolso procurando

alguma coisa, que encaixou embaixo do outro limpador antes de se afastar apressada.

Quando o farol abriu de novo, atravessei e corri até meu carro, curioso para ver o que a mulher havia deixado. Ela devia ter ficado presa ali por algum tempo e escreveu o bilhete antes que eu a visse, porque não pegou nenhuma caneta enquanto eu a observava.

Levantei o limpador de para-brisa restante, peguei o bilhete e o vi-rei, e descobri que a mulher não tinha deixado um bilhete de desculpas. A loira havia deixado para mim uma maldita multa de estacionamento.

Que manhã. Meu carro foi vandalizado, não tinha água quente na academia ao lado do escritório e agora um dos elevadores estava quebrado de novo. No *rush* da manhã, o único elevador que funcionava encheu de gente como sardinhas espremidas em uma lata. Olhei para o relógio. *Merda*. Minha reunião com Jonas deveria ter começado cinco minutos atrás.

E estávamos parando em todos os andares.

As portas se abriram no sétimo, um abaixo do meu.

— Com licença — disse uma mulher atrás de mim.

Dei um passo para o lado para deixar as pessoas saírem, e notei a mulher quando ela passou por mim. Seu cheiro era bom, como filtro solar na praia. Eu a observei sair. Quando as portas começaram a se fechar, ela virou para trás e fez contato visual comigo por um breve segundo.

Lindos olhos azuis sorriram para mim.

Comecei a retribuir o sorriso... e parei ao olhar de verdade para aquele rosto – e para o *cabelo* dela – justamente quando as portas se fecharam.

Putá merda. A mulher daquela manhã.

Tentei pedir à pessoa que estava na frente do painel de controle, do outro lado do elevador, para abrir a porta, mas começamos a nos mover antes de ela entender que eu falava com ela.

Perfeito. Simplesmente perfeito. Combinava bem com o resto da porcaria do dia.

Cheguei ao escritório do Jonas quase dez minutos depois da hora marcada.

— Desculpa pelo atraso. A manhã foi um horror.

— Tudo bem. As coisas estão meio caóticas por aqui hoje com a mudança.

Sentei-me em uma das cadeiras de visitantes em frente ao chefe e soltei um suspiro profundo.

— Como vai a equipe com tudo o que está acontecendo hoje? — perguntei.

— Tão bem quanto se pode esperar. Estaríamos bem melhor se eu pudesse dizer a todos que os empregos estão garantidos.

— Ninguém vai perder o emprego, por enquanto.

— Se pudesse encerrar essa frase na palavra “emprego”, seria ótimo. Jonas se encostou na cadeira e suspirou.

— Sei que não é fácil. Mas essa fusão vai ser boa para a empresa, no final. Wren pode ser o jogador menor, mas tem uma bela carteira de clientes.

Dois semanas atrás, a empresa para a qual eu trabalhava desde que me formei na faculdade tinha se fundido com outra grande agência de publicidade. Desde então, todo mundo estava tenso, aflito com o que a aquisição da Wren Media poderia significar para seus empregos na Foster Burnett. Nas últimas duas semanas, eu havia passado metade das minhas manhãs tranquilizando a equipe, embora não tivesse a menor ideia de como poderia ser o futuro da consolidação de duas grandes agências de publicidade.

Nossa companhia era a maior, e era isso que eu lembrava às pessoas. Hoje estava acontecendo a consolidação física no escritório de San Francisco, onde eu trabalhava. Pessoas carregando caixas invadiam nosso espaço, e devíamos sorrir e cumprimentá-las. Não era nada fácil, especialmente porque meu emprego podia estar em jogo. Essa companhia não precisava de dois diretores criativos, e a Wren tinha a própria equipe de marketing, que estava se mudando para o nosso espaço neste exato momento.

Jonas havia garantido que meu emprego na companhia estava seguro, mas ainda não tinha dito que nenhum de nós seria transferido. O escritório de Dallas era maior, e boatos recentes sugeriam que novas transferências estavam sendo discutidas.

Eu não tinha planos de me mudar para lugar nenhum.

— Então, me fale sobre a mulher que vou ter que triturar. Perguntei por aí. Jim Falcon trabalha para a Wren há alguns anos, e dizem que ela está bem perto de se aposentar. Espero não fazer nenhuma senhorinha de cabelos azuis chorar.

Jonas arqueou as sobrancelhas.

— Aposentadoria? Annalise?

— Jim me contou que às vezes ela usa um andador, tem problemas nos joelhos ou alguma merda assim. Tive que pedir à equipe de manutenção para alargar o corredor entre as saletas onde fica o estafe, para garantir que ela consiga se locomover. Mas me recuso a sentir culpa por acabar com essa mulher, só porque ela é mais velha e tem alguns problemas de saúde. Se for preciso, mando a mulher de volta para o Texas de mala e cuia.

— Bennett... acho que Jim pode ter se confundido. Annalise não usa andador.

Balancei a cabeça.

— Sério? Não me fale uma coisa dessa. Tive que pagar uma garrafa de Johnny Walker Blue Label para conseguir passar minha ordem de serviço para o topo da lista do departamento de manutenção.

Jonas balançou a cabeça.

— Annalise não... — Ele parou no meio da frase e olhou para a porta por cima da minha cabeça. — Bem na hora. Aí vem ela. Entre, Annalise. Quero que conheça Bennett Fox.

Virei-me na cadeira para ver minha nova concorrente, a velhinha que eu estava prestes a aniquilar, e quase caí. Olhei de novo para Jonas.

— Quem é essa?

— Annalise O'Neil, sua contraparte na Wren. Acho que Jim Falcon a confundiu com outra pessoa.

Voltei-me para a mulher que andava em minha direção. Annalise O'Neil certamente não era a velhinha que eu tinha imaginado. *Nem perto disso*. Devia ter pouco menos de trinta anos. E era deslumbrante, de deixar qualquer um sem fôlego. Pernas longas e bronzeadas, curvas que podiam fazer um homem bater com o carro em um poste e cabelos loiros e ondulados que emolduravam um rosto que podia ser de modelo. Meu corpo reagiu sem aviso prévio, meu pinto, que tinha estado cabisbaixo e desinteressado no último mês, desde que recebemos

a notícia da fusão, de repente se empertigou. A testosterona me fez erguer os ombros e levantar o queixo. Se eu fosse um pavão, teria aberto a cauda de penas coloridas.

Minha concorrente era um arraso.

Balancei a cabeça e dei uma risada. Jim Falcon não tinha se enganado. O filho da mãe queria tirar uma onda comigo. O cara era um palhaço. Eu devia ter imaginado. Aposto que ele morreu de rir quando fiz o pessoal da manutenção desmontar e remontar as saletas para abrir espaço para um andador.

Que cretino. Mas foi bem engraçado. Ele me enganou, isso era inegável.

Mas não era isso que me fazia sorrir de orelha a orelha.

Não. De jeito nenhum.

O negócio estava começando a ficar interessante, e não tinha nada a ver com a possibilidade de eu aniquilar a mulher que havia acabado de entrar.

Minha concorrente, Annalise O'Neil, a bela mulher que estava bem na minha frente dentro da sala do meu chefe, a mulher com quem eu estava prestes a começar uma disputa direta...

... também era a mulher de hoje de manhã, a que havia arrancado meu limpador de para-brisa e deixado uma maldita multa de estacionamento no lugar dele, a mulher sorridente do elevador.

— Annalise, não é? — Levantei e ajeitei a gravata. — Bennett Fox.

— É um prazer conhecê-lo, Bennett.

— Ah, pode acreditar, o prazer é todo meu.

2

Annalise

Faz sentido.

Era o bonitão que vi no elevador. E eu pensando que tinha rolado um clima.

Bennett Fox sorriu como se já tivesse sido nomeado meu chefe e estendeu a mão.

— Bem-vinda à Foster Burnett.

O papel deixado por Bennett não era um bilhete, era uma multa de estacionamento.

E não era uma multa qualquer.

Era a *minha* multa de estacionamento.

A mesma que eu havia deixado no para-brisa do carro de alguém hoje de manhã.

3

Annalise

— Você nem imagina quanto eu preciso de uma bebida. — Puxei uma cadeira e olhei em volta, procurando um garçom antes mesmo de sentar.

— E eu que pensei que você queria me ver por causa da minha personalidade vencedora, não pela refeição grátis que ganha toda semana.

Minha melhor amiga, Madison, tinha o melhor emprego do mundo, era crítica de gastronomia do *San Francisco Observer*. Em quatro noites da semana, ela ia a diferentes restaurantes para comer alguma coisa que, depois de um tempo, ganhava uma crítica. Às quintas-feiras, eu ia com ela. Basicamente, ela era o meu vale-refeição. Normalmente, esse era o único dia em que eu saía do escritório antes das nove da noite, e essa era a única refeição decente que eu fazia na semana por causa das sessenta e oito horas de trabalho semanais que costumava cumprir.

E que bela porcaria isso me rendeu.

O garçom chegou com a carta de vinhos. Madison nem olhou as opções.

— Vamos querer merlot... O que você recomenda?

Era um pedido padronizado, e eu sabia que esse era o primeiro passo para avaliar o serviço do restaurante. Ela gostava de analisar como o garçom se portava. Fazia perguntas sobre seu gosto para poder fazer uma boa escolha? Ou sugeria o vinho mais caro do cardápio só para ganhar mais gorjeta?

— Muito bem. Vou escolher alguma coisa.

— Na verdade... — Levantei um dedo. — Posso mudar o pedido, por favor? Ela vai beber merlot, eu quero uma vodca com club soda e limão.

— É claro.

Madison mal esperou o garçom se afastar.

— Ih... Vodca e club soda. O que aconteceu? Andrew está saindo com alguém?

Balancei a cabeça.

— Não. Pior.

Ela arregalou os olhos.

— Pior que Andrew sair com alguém? Bateu o carro de novo?

Bem, talvez eu tivesse exagerado um pouco. Descobrir que meu namorado há oito anos estava saindo com outra mulher teria acabado comigo, sem dúvida. Há três meses, ele me disse que *precisava de um tempo*. Não eram exatamente as quatro palavrinhas que eu esperava ouvir dele depois do nosso jantar de Dia dos Namorados. Mas tentei ser compreensiva. Ele havia tido um ano difícil – o segundo livro encahlhou, o pai, então com sessenta anos, descobriu um câncer de fígado e morreu três semanas depois de receber o diagnóstico, e a mãe decidiu se casar de novo apenas nove meses depois de ter ficado viúva.

Então, concordei com a separação temporária, embora o conceito dele de dar um tempo fosse mais tipo Ross e Rachel – nós dois éramos livres para sair com outras pessoas, se quiséssemos. Ele jurou que não tinha outra, e que não pretendia sair por aí dormindo com todo mundo. Mas também achava que um acordo de *não* sair com outras pessoas nos manteria amarrados e não daria a ele a liberdade de que precisava.

E com relação a dirigir... eu odiava desde o primeiro mês depois de ter tirado a carteira, tudo por causa de um acidente grave que me transformou em uma motorista nervosa. Nunca consegui superar. No mês passado, amassei o para-choque em um estacionamento, e todo o medo que eu tinha conseguido controlar voltou à tona. Outro acidente em tão pouco tempo me levaria ao limite.

— Talvez não seja nada tão sério — admiti. — Mas é quase isso.

— O que aconteceu? O primeiro dia no escritório novo foi ruim? Pensei que fosse me contar sobre todos os homens lindos que conheceu no emprego novo.

Madison não entendia por que Andrew precisava dar um tempo e me incentivava a voltar ao mundo da paquera, seguir adiante.

O garçom chegou com as bebidas, e Madison disse que ainda não faríamos o pedido. Pediu dez minutos para decidir.

Bebi um gole da vodca. Ela desceu queimando.

— Na verdade, tinha um gostosão.

Ela pôs os cotovelos sobre a mesa e apoiou a cabeça nas mãos.

— Detalhes. Quero detalhes sobre ele. A história sobre seu dia ruim pode esperar.

— Bem... ele é alto, tem uma estrutura óssea de causar inveja a um escultor e emana confiança.

— E o cheiro?

— Não sei. Não cheguei perto o bastante para cheirar o cara. — Tirei o limão da borda do copo e espremi o suco na bebida. — Bom, não é verdade. Cheguei. Mas, quando ficamos mais perto, estávamos dentro de um armário de material de limpeza, e eu só consegui sentir cheiro de desinfetante e água parada. — Bebi mais um gole.

Os olhos de Madison brilharam.

— Não acredito! Vocês dois... no armário de produtos de limpeza, no seu primeiro dia no escritório novo?

— Isso. Mas não é nada do que está pensando.

— Começa do começo.

Fiz uma careta.

— Ok.

Definitivamente, ela acreditava que a história teria um fim diferente.

— Eu tinha um porta-malas cheio de caixas com pastas e coisas que tirei do escritório antigo e precisava levar para minha nova sala. Tentei encontrar um lugar para estacionar, mas não tinha nenhuma vaga nos quarteirões em volta do prédio... e eu parei em um lugar proibido e fiz várias viagens até o escritório para levar minhas coisas. Na penúltima viagem, tinha uma multa no meu para-brisa.

— Que droga.

— Nem fala. Hoje em dia, uma dessas custa quase duzentos paus.

— Péssimo começo de dia. Mas podia ter sido pior, acho, se havia você e um carro no meio da história.

Tive que rir.

— Ah, mas ficou pior. Essa foi a *melhor* parte do meu dia.

— O que mais aconteceu?

— A policial de trânsito estava a alguns carros do meu, ainda distribuindo multas. Achei que, como já tinha sido multada, podia continuar descarregando o carro. Levei a última caixa para o escritório novo e, quando voltei, cada carro tinha uma multa igual à minha. Todos, menos um. O carro que estava parado bem na frente do meu.

— Como assim? Ele chegou depois que a policial tinha ido embora e escapou da multa?

— Não. Já estava lá quando eu parei, tenho certeza. Ela só pulou aquele carro. E tenho certeza disso porque era o mesmo modelo de Audi que eu tenho, só um ano mais novo. Na primeira vez que passei por ele, dei uma espiada lá dentro para ver se tinham mudado muito o interior no modelo mais recente. Notei que havia um par de luvas com o logo da Porsche no banco da frente. Por isso sei que o mesmo carro ficou parado ali por mais de uma hora, porque as luvas ainda estavam no mesmo lugar.

Madison bebeu um pouco do vinho e fez uma careta.

— Não gostou do vinho?

— Não, é bom. Mas luvas para dirigir? Só pilotos de corrida e babacas metidos a besta usam luvas para dirigir.

Levantei o copo na direção dela antes de levá-lo aos lábios.

— Exato! Foi exatamente isso que eu pensei quando vi as luvas. Então, fui levar minha multa de presente para o babaca metido a besta. Meu carro era da mesma marca, mesmo modelo e mesma cor. Por que eu ia ficar duzentos paus mais pobre, se o Sr. Porsche não tinha levado uma multa? A multa não tinha nome, só a marca, o modelo e o número da licença do carro, e a placa na minha cópia carbono era quase ilegível. Ele nem devia saber seu número de licença, provavelmente acabaria pagando a multa... porque estava parado em lugar proibido, não estava?

Minha melhor amiga sorriu.

— Você é minha heroína.

— É melhor esperar eu terminar de contar a história, antes de dizer essas coisas.

O sorriso dela diminuiu.

— Ele te pegou?

— Eu achava que não. Mas houve um probleminha. Quando me inclinei e levantei o limpador de para-brisa do carro para prender a multa, meu cabelo enroscou e ficou preso.

Madison franziu a testa.

— No limpador de para-brisa?

— Eu sei. É estranho. Mas estava ventando muito, e quando tentei soltar o cabelo, a situação piorou. Você sabe como meu cabelo é grosso e rebelde. Posso perder uma escova nele por alguns dias, e ninguém nem vai notar. Essas ondas têm vontade própria.

— Como se soltou?

— Puxei até soltar. Só que, quando finalmente consegui, o limpador de para-brisa veio junto e ficou pendurado no meu cabelo, não no Audi, onde deveria estar.

Madison cobriu a boca com a mão e riu.

— Meu Deus.

— É.

— Deixou um bilhete para o dono do carro?

Bebi um gole bem grande do drinque, que ficava um pouco mais gostoso cada vez que eu bebia.

— A multa vale como bilhete?

— Bom... pelo menos tem um lado positivo.

— Tem? Então me conta, porque agora, depois do dia que eu tive, não vejo nenhum lado positivo.

— Tem um deus grego no escritório. Isso é bom. Quanto tempo faz que não sai com alguém diferente? Oito anos?

— O deus grego não vai me convidar para sair. Pode acreditar em mim.

— É casado?

— Pior.

— Gay?

Eu ri.

— Não. Ele é o dono do Audi que eu danifiquei e onde deixei a multa, e aparentemente ele me viu fazer tudo isso.

— Putz.

— É. *Putz*. Ah, e tenho que trabalhar com ele todos os dias.

— Ai, merda. O que ele faz?

— É diretor criativo regional da empresa com quem fizemos a fusão.

— Espere aí. Esse cargo não é seu?

— É. E só tem lugar para um de nós.

Um garçom que não era o nosso passou pela mesa. Madison levantou a mão e o segurou pelo braço.

— Precisamos de mais uma vodca com club soda e outra taça de merlot. *Imediatamente.*

Na manhã seguinte, fiz uma parada a caminho do escritório. Por mais que eu odiasse o que estava acontecendo com meu emprego, teria que trabalhar com Bennett nos próximos meses, pelo jeito. E... vamos encarar. Eu errei. Danifiquei o carro dele e deixei uma multa de estacionamento proibido, em vez de um bilhete. Se alguém fizesse isso comigo... Bem, duvido que fosse educada como ele foi o dia todo. Ele esperou até ficarmos sozinhos para jogar a verdade na minha cara, quando podia ter me exposto diante do novo chefe.

Quando cheguei, o carro dele estava parado no mesmo lugar proibido do dia anterior. Na noite passada, quando revi o dia mentalmente, pensei que o carro dele pudesse ter sido pulado por acidente pela policial de trânsito, porque ela se confundiu e pensou já ter dado a multa, já que, por fora, o carro dele e o meu eram idênticos. Mas, se fosse isso, e ele havia escapado uma vez, por que estacionaria ali de novo hoje, correndo o risco de ser multado?

As respostas lógicas eram poucas. Primeiro, ele era rico e arrogante. Segundo, ele era um idiota. Ou terceiro, ele *sabia* que não seria multado.

A porta da sala de Bennett estava fechada, mas dava para ver a luz por baixo dela. Levantei a mão para bater, mas hesitei. Seria mais fácil se ele não fosse tão bonito.

Tenha vergonha na cara, Annalise.

Endireitei as costas antes de bater com força na porta. Depois de um minuto, decidi que Bennett não estava lá dentro e comecei a sentir alívio. Ele devia ter esquecido a luz acesa. Eu já estava virando para me afastar quando a porta foi aberta de repente.

Pulei assustada e levei a mão ao peito.

— Quase me matou de susto.

Bennett tirou um fone da orelha.

— Disse que eu te assustei?

— Sim. Eu não estava esperando você abrir a porta.

Ele tirou o outro fone e os deixou pendurados no pescoço. A testa estava franzida.

— Bateu na porta da minha sala, mas não esperava que eu abrisse?

— Sua porta estava fechada, estava tudo quieto. Não pensei que estivesse aí dentro.

Bennett mostrou o iPhone.

— Acabei de voltar da corrida. Estava de fone.

A música brotava alta dos fones, e reconheci a melodia.

— “Enter Sandman”? Sério? — Meu tom de voz revelava que eu achava aquilo engraçado.

— Qual é o problema com Metallica?

— Nenhum. Nenhum mesmo. Você só não *parece* alguém que ouve Metallica.

Ele estreitou os olhos.

— E o que exatamente eu *pareço* ouvir?

Dei uma olhada nele. Não usava o terno e os sapatos caros do dia anterior. Mas, mesmo vestido casualmente com uma camiseta Under Armour justa e preta e calça de moletom meio caída, alguma coisa nele cheirava a refinamento.

Embora a veia saliente no bíceps fosse mais provocante que refinada. Bennett era mais velho que eu, acho, pouco mais de trinta anos, talvez, mas com um corpo firme e musculoso, e imaginei que ele seria ainda mais incrível sem aquela camiseta.

Pisquei para sair de um estado de quase transe, lembrando que ele havia feito uma pergunta.

— Clássica. Pensei que gostasse mais de música clássica que de Metallica.

— Isso é meio estereotipado, não é? Nesse caso, o que devo pensar sobre você? Loira e bonita.

— Não sou burra.

Ele cruzou os braços e arqueou uma sobrancelha.

— Ficou com a cabeça presa no para-brisa do meu carro.

Ele tinha razão. E discutir com ele de novo logo cedo não era exatamente um bom começo. Recuperei o equilíbrio e mostrei o pacote estreito que havia apanhado a caminho do escritório.

— Aliás, isso me lembra uma coisa, quero me desculpar por ontem.

Bennett me estudou por um minuto. Depois pegou o limpador de para-brisa da minha mão.

— Como consegui prender o cabelo no meu carro?

Senti o rosto esquentar.

— Tenho que começar explicando que carros não são para mim. Não gosto de dirigir e dou um tremendo azar com o funcionamento. No antigo escritório, eu podia ir trabalhar a pé. Agora tenho que dirigir todos os dias. Enfim, ontem de manhã levei uma multa por estacionar em local proibido quando estava tirando caixas do meu carro. Por acaso, temos o mesmo modelo e cor de Audi. O seu também estava estacionado em local proibido, mas você não foi multado. Tentei deixar minha multa embaixo do seu limpador de para-brisa na esperança de você pagar. O problema é que ventou de repente, e meu cabelo acabou enroscando quando levantei o limpador. Tentei soltar a mecha e compliquei ainda mais a situação. Sério, não queria danificar seu carro.

O rosto dele era inexpressivo.

— Não queria quebrar meu limpador de para-brisa, a intenção era só me fazer pagar sua multa.

— Isso.

Ele sorriu.

— Agora tudo faz sentido.

Bennett segurava uma garrafa de água. Ele a levou aos lábios e bebeu um gole demorado, sem desviar os olhos de mim. Quando terminou de beber, ele assentiu.

— Está desculpada.

— Sério?

— Temos que trabalhar juntos. Melhor manter as coisas no nível profissional.

Fiquei aliviada.

— Obrigada.

— Eu tomo banho na academia lá embaixo depois da corrida matinal. Só preciso de vinte minutos, depois podemos começar a rever nossas contas.

— Certo. Ótimo. Vejo você daqui a pouco.

Talvez eu tivesse subestimado Bennett. Só porque era bonito, eu tinha presumido que era egocêntrico, e que nunca me perdoaria pelo momento de insanidade. Quando cheguei ao meu armário de produtos de limpeza, a chave emperrou na porta, mas acabou girando e destravando a fechadura. O cheiro de desinfetante invadiu meu nariz imediatamente. Pelo menos agora eu entendia por que ele havia me enfiado aqui. Suspirando, acendi a luz e me surpreendi ao ver que alguém tinha deixado uma sacola em cima da mesa.

Devia ter sido o zelador. Peguei a sacola para deixá-la junto com os outros produtos, e foi então que vi o bilhete manuscrito preso a ela.

“Vai precisar disso. Bennett”

Um presente para mim?

Deixei o laptop e a bolsa em cima da mesa e abri a sacola. Era leve, não continha produtos de limpeza, definitivamente, e o conteúdo era protegido por papel de seda.

Curiosa, abri o pacote.

Um chapéu de caubói?

O quê?

Vai precisar disso.

Hum.

Vai precisar disso.

Tipo, para trabalhar.

No Texas.

Talvez Bennett não fosse tão maduro, afinal.